

João Pessoa - Número Cinco - Março de 2004

Juventude : Um estudo dos valores e crenças das Representações Sociais da Violência

Lucas Levi de Melo Galvão

Introdução

O aspecto que parece mais desafiador, nessa pesquisa, é encontrar uma idéia diretora que promova com clareza questionamentos e reflexões em torno desse tema polêmico, que já tomou proporções assustadoras em todas as áreas da vida e das relações humanas.

Convivemos numa sociedade presentemente assustada com a violência, cuja geração é freqüentemente atribuída às formas seletivas e estigmatizantes do controle social.

Uma vez que o objeto de nossa atenção pertence ao reino das idéias e dos discursos, iniciaremos essa reflexão com o que se fala de violência e depois com os estudos propriamente ditos.

Como as palavras violência e agressividade são comumente utilizadas no dia a dia, poder-se-ia pensar que todos nós já conhecemos de alguma maneira, algo acerca dos significados das mesmas. Mas ainda são insuficientes e superficiais suas definições.

Dito isto, iniciaremos com o pensamento de Costa (1986) onde ele afirma que as definições da violência que são dadas ao termo violência são sempre provisórias, operacionais e inferidas em casos particulares.

É sabido que estudos longos e de diferentes formas, já foram realizados com objetivos de compreender, responder e tematizar a violência. Por isso, reflexões que são comentadas acerca desse fenômeno nas sociedades contemporâneas, exige um exame mais apurado de sua complexidade nas relações sociais.

Nessa perspectiva cada sociedade e cada cultura impõem o seu conceito de violência, tornando-o multifacetado. Dada essa condição há um esforço de se reconhecer atos de violência no cotidiano em diferentes níveis de intensidade, por serem marcados por uma disposição cultural.

Do ponto de vista de Matsumoto (1996), cultura é um conjunto de atitudes, valores, crenças e comportamento partilhados por um grupo de pessoas, mas diferentes para cada indivíduo. Lembrando a categoria "complexidade," não há regras fixas para se determinar o que é cultura, ou quem pertence a uma dada cultura; nesse sentido, cultura é uma construção sócio-psicológica. Assim, a nomeação de um determinado ato como violento reporta-se às construções e normas sociais, à medida em que a violência é concebida a partir de normas estabelecidas.

Falar sobre a violência, além de nomear os sentidos, é também prever os diversos aspectos que permeiam as relações humanas no que diz respeito à

manipulação do poder. Os escritos de Bourdieu (1983), apontam a questão de que no século XVI os mais velhos propunham aos jovens uma idéia de virtude, virilidade e de violência, como maneira de se reservar o poder.

Não se pode negar a existência da assimetria de poderes nas relações humanas, ou seja, no que se refere a questão étnica, gênero e cultura gerando fontes permanentes de tensões e conflitos nessas relações. Mas, em contrapartida, para Jovchelovitch (1999:64) "estamos atravessados pela violência concreta de relações sociais desiguais, mas estamos também atravessados pela força da palavra. Isso quer dizer que o símbolo não se constrói apenas como máscara de estruturas sociais desiguais", porque enquanto houver a chance da simbolização para o uso da palavra (da linguagem) haverá sempre a esperança para o gesto agressivo e violento ser esvaziado.

Constatamos nos últimos tempos, um aumento significativo de diferentes tipos de violência (física, verbal, psicológica, estrutural etc.) entre crianças e jovens de diferentes classes e grupos sociais com gradativa banalização da impunidade. A impunidade, cada vez mais, se fortalece e se alicerça no Brasil e na América Latina.(Monteiro 1999). Segundo essa pesquisadora, esse alicerce é perigoso porque os jovens vão incorporando que não são portadores de direitos e começam a viver um processo de letargia coletiva contra a qual nada pode ser feito. Ou, vivem como um personagem "assustado", sobrevivente, lutando incansavelmente entre as drogas, o crime e a falta de opção.(Alvim, 1996).

Prosseguindo com as reflexões e idéias afins no que diz respeito à violência, para Sluzki (1996), a definição de violência da América Psychiatric Association (1987) se apoia em noções de sentido comum. Acontecimento que vai além da categoria das experiências humanas habituais que gerariam desassossego marcante em praticamente qualquer pessoa.

Expandindo estas considerações Sluzki (1996:229) faz alguns comentários da questão da violência interpessoal de forma simples e bastante esclarecedora. Ele chama à atenção quanto ao ato da violência que pode ser re-rotulada, exemplo, "Isto não é violência, mas sim educação", outro exemplo em relação ao efeito da dor física que é negada, "não te dói tanto" (idem, ibidem: 229). Mas um exemplo na questão dos valores que são muitas vezes redefinidos, "Faço porque tu mereces" (Idem, ibidem: 229). Outra situação de violência, quando os papéis passam a ser mistificados "Faço porque te quero bem" (idem, ibidem: 229), e, por fim, quando a posição de agente é redirigida " És tu quem me obriga a fazê-lo" (idem, ibidem: 229).

Em resumo, o que Sluzki (1996) propõe é que haja uma revisão exaustiva das práticas de socialização habitual de nossa espécie em todas as culturas dominantes.

RESUMO DA PESQUISA

Pesquisa sobre "Representações Sociais da violência na família e estratégias educativas utilizadas pelos pais". Dissertação: Mestrado

Interinstitucional de Psicologia Social e da Personalidade – PUCRS / FAFIRE. Ana Maria Pessoa de Melo Galvão, (2001).

Este trabalho tem por objetivo levantar algumas reflexões sobre as Representações Sociais da violência na família e estratégias Educativas utilizadas pelos pais e mães. Foi adotado o referencial teórico metodológico das Representações Sociais estabelecido por Serge Moscovici (1984), e por outros autores da abordagem Psicossocial.

Considerando as Representações Sociais como produtos de estrutura simbólica, valores e crenças de um saber produzido e compartilhado, tais reflexões são deslocadas para o espaço das relações familiares.

Pensar sobre as relações humanas implica em não perder de vista o manancial de metáforas que elas contêm. Para Moscovici (1984), nosso comportamento, nossas respostas aos estímulos estão muitas vezes relacionados a determinadas metáforas, às vezes, equivocadas, cheias de paradoxos, assim como, nas definições comuns, a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos. Isso nos leva a pensar que muitas dessas definições e informações, sem ajuda das reflexões críticas dos instrumentos teóricos científicos, nos levariam a aceitá-las como puras, simples, e imutáveis.

As entrevistas foram realizadas em 3 grupos, constituídos por nove Casais (pais e mães), sendo cerca de 3 ou 4 casais para cada grupo. Os dados analisados foi a partir de Análise de Conteúdo de Moraes (1999).

Os resultados apontam para a existências de um espaço de contradições entre o tradicional e o moderno, o interno e o externo, e uma possível Mobilidade com chance de transformação.

Observamos, ainda, que as Representações Sociais sobre a violência nesses grupos são reflexos de crenças e idéias valorativas de modos comuns de educação que são justificados pela funcionalidade do modelo, do impulso e do fator sorte.

O desejo de pesquisar a questão da violência vem da prática clínica da pesquisadora. Nessa trajetória, chama-lhe a atenção a quantidade de pais preocupados na busca de ajuda, por não entender o transtorno na conduta de seus filhos em relação à agressividade, Exemplo: "...Se não aparecer o dinheiro eu corto a mão dele", fala de uma mãe ameaçando a empregada, usando o filho de cinco anos como refém. Outro exemplo "...Ou eu acabo com ele, ou ele acaba comigo", fala de um pai se referindo ao seu filho de seis anos, no que diz respeito a questão da obediência de suas ordens. Percebe-se que aparentemente existe uma estreita correlação entre estes tipos de dificuldades e uma experiência familiar de igual característica, em termos de relações pais e filhos.

Assustou-lhe não só a questão do número crescente de procura de profissionais especializados, mas também o fato de essas famílias viverem em condições econômicas estáveis e, na maioria dos casos, possuírem um alto nível intelectual (Engenheiro, Administrador etc). Descartando, assim, a freqüente desculpa quanto à influência negativa das limitações sócio-econômicas intelectuais como fatores determinantes do mal-entendimento entre pais e filhos e geradores de transtornos na vivência da agressividade na infância.

Os objetivos gerais foram estudar as Representações Sociais da violência familiar na perspectiva dos pais e analisar as estratégias educativas utilizadas pelos

pais na educação dos filhos, Exemplo: "...acho que a palmada vai existir na hora que falta o entendimento, ele é pequeno, não entende", " Dói, mas tem que ser assim". No discurso desses pais, observa-se que a violência aparece na categoria aprendizagem. Não é possível, na concepção desses sujeitos, fazer parte da cultura, da sociedade e buscar um modelo de aprendizagem, sem que o castigo e a dor estejam presentes. O manejo de mudar, de experimentar coisas novas e pisar em terreno desconhecido, cristaliza as velhas estratégias de manejo autoritário. Isso dá a ilusão e garantia de que na falta de entendimento da criança, essas estratégias tem que serem seguidas a risco, (Maldonado,2000).

Os objetivos específicos foram identificar crenças e valores familiares que sustentam as Representações Sociais da violência, Exemplo: "...Eu disse para ele: eu sei quem são as pessoas que têm a mesma índole que você, cada pessoa que nasce, já nasce trazendo essa índole", "...Tem criança que merece levar umas lapadas". Do ponto de vista de Montero (1994), crença é um processo cognocitivo, mediador, com característica de variável interveniente, absolutamente hipotético, que, ao aparecer, avalia algo e também permite predizer o que pode ocorrer a respeito de um objeto determinado.

Prosseguindo com os objetivos específicos foi dada a importância no que diz respeito à compreensão das determinações culturais e históricas que configuram as Representações Sociais da violência no contexto familiar, Exemplo: "...Limites mudam de geração para geração, nós fomos limitados de certa forma, hoje, eu não sei se posso limitar o meu filho da mesma forma"., "...Antigamente a criança não tinha voz, via como adulto, então a gente tinha esse escudo".

É possível se fazer uma leitura dessas falas no sentido de que o novo libera, mas também prende-se ao passado. A tradição é poderosa, ela protege, serve de escudo, e ao mesmo tempo é sufocante e circular.

Em relação ao problema fundamental a questão era de tentar capturar quais as Representações Sociais da violência no contexto familiar. Para que isso acontecesse, buscou-se as seguintes questões norteadoras: quais as crenças que as famílias tem sobre a violência e suas diferentes formas; que estratégias as famílias utilizam para dar limites aos aspectos de violência e quais sentimentos e emoções emergem a partir das formas que produzem e sustentam as Representações Sociais da violência.

A partir dessas idéias, foi necessário delimitar o campo de estudo, concentrando nos grandes eixos temáticos, que estão presentes nas interações humanas: crenças; valores; atribuições e atitudes. Percebeu-se que os mesmos condensam os principais elementos das Representações Sociais, e possivelmente, estariam presentes nas estratégias educacionais no contexto familiar.

REVISÃO TEÓRICA

O conceito de Representação Social é multifacetado, versátil e dá origem a várias interpretações e usos, (Wagner, W. 1999). A virtude é que Representação Social não é um conceito fechado. A versatilidade permite que Representação Social seja apropriada (usada, combinada e incorporada) por outros referenciais em Psicologia Sociais.

Para Moscovici (1984) "Representação Social confere à racionalidade da crença e sua significação de caráter Social aos saberes populares, sistemas coerentes de signos ou imagens".

Do ponto de vista de Lane (1999), "Representação Social implica num intercâmbio entre intersubjetividade e o coletivo, na construção de um saber que não se dá apenas como um processo cognitivo, mas que contém aspectos inconscientes, emocionais e afetivos tanto na produção como na reprodução da Representação Social.

Ainda é Moscovici (1984) que diz: existem dois processos que geram a Representação Social, objetivação e ancoragem. Objetivação seria "a qualidade icônica duma idéia ou complexo de imagens que reproduzem um complexo de idéias." Ancoragem "o processo transformador do estranho e perturbador num sistema particular de categorias, que classifica e dar nome a alguma coisa."

METODOLOGIA

As Representações Sociais não são facilmente visualizadas, e nem tão pouco, é uma unidade acabada, pronta para ser pesquisada. O que pode auxiliar essa tarefa de reflexão é reconhecer, como parte dela, a análise de crenças, valores e imagens partilhadas socialmente, através das falas dos sujeitos.

Dadas essas condições, foi realizado o trabalho de Grupo Focal com três grupos de pais e mães, cujas idades variavam de 30 a 45 anos. Todos casados, sendo que um dos pais já tinha experiência de um primeiro casamento. Tinham formação diversificada, sendo um dos grupos com escolaridade de primeiro grau menor, e os outros dois com nível médio e nível superior. Todos residentes e com trabalhos na cidade do Recife (PE).

A escolha dos participantes dos grupos focais foi intencional, seguindo critérios de homogeneidade intragrupo e heterogeneidade extragrupos. Foram organizados 3 (três) grupos, considerando-se o nível de escolaridade, com objetivo complementar de observar as diferenças e as aproximações das Representações Sociais da violência. Essa técnica caracteriza-se por um estudo qualitativo que privilegia as falas dos sujeitos em grupo, facilitado por um processo natural de interação em grupo.

Metodologicamente, partiu-se do pressuposto de que analisar o conteúdo do discurso dos três grupos considerando suas dimensões instrumental e representacional, significaria poder visualizar como estes pais e estas mães representam a violência e qual o nível de impregnância dela no seu discurso, principalmente no que diz respeito às suas estratégias educacionais. A intenção desse procedimento, é justamente a de não analisar o discurso da violência como algo que pertença exclusivamente a certos tipos de sujeitos, e sim enquanto sujeitos de uma dada representação da violência.

Convém destacar que os grupos se diferenciavam quanto à tipologia de seus discursos, e a elaboração das interpretações teóricas deve-se ao material fornecido pelos próprios sujeitos da pesquisa.

Uma vez admitida a idéia de que se podem, caracterizar as falas em diferentes categorias, analisaremos algumas delas : (**Diálogo**, Exemplo: "...O que foi que sua mãe disse? Se ela disse que não, então é não" nesse caso o diálogo limitou-se a um não unilateral, não há uma dialética de fala- escuta- retorno-escuta- solução). (**Relação**, Exemplo: "...Se você insistir que tal lugar que eu não acho correto..., não adianta ligar para mim, esqueça que estou em casa se acontecer alguma coisa com você", parece que nesse exemplo o conceito de relação inclui poder, com forte conteúdo de ameaças.) (**Aprendizagem**, Exemplo:

"...Hoje não basta a gente ter o que a gente recebeu, tem que se atualizar."). (**Modelo**, Exemplo "...No momento você é uma referência, um espelho para seu filho."). (**Impulso**, Exemplo: "...Ele tem esses instintos assim, você tem que está com um olho no padre e o outro na missa.") (**Agressividade**, Exemplo: "...Retaliação psicológica deixa marca, a física não, você bate e depois passa.") Não fica difícil perceber que o funcionamento mental do sujeito, simbolicamente violentado na infância, torna-se inibido, paralisado ou distorcido, em maior ou menor extensão, conforme a natureza e a intensidade da violência," (Costa, 1986:75).

Com os dinamismo específicos, houve um esforço por parte da autora, para absorver conteúdos representativos dos sujeitos. Tentou-se compreender, não apenas "o quê", mas também o "como" eles "pensam" sobre a Representação Social da violência pelo viés das estratégias educacionais.

Finalizando, teceremos algumas considerações em relação ao perfil de cada grupo pesquisado, relataremos uma breve síntese da discussão e por fim, concluiremos.

Foi a partir de uma escuta e de uma observação simultânea de comportamentos individuais e grupais, em relação aos movimentos dos grupos, que foi possível observar o tipo de dinâmica inerente a cada grupo em particular. A fala foi o fator indicativo, e é nela que o sujeito se inscreve. Percebeu-se que quanto mais amplo e variado foi o acesso ao conhecimento, mais variedades de discursos, e, também, maior manejo da palavra. Posto isto, arrisca-se dizer que tentou-se perseguir um pouco como foi essa produção dessas subjetividades.

Em relação ao grupo 1: pouco escolarizado, foi dirigido pelo impulso, crença, determinismo, pouca capacidade de simbolização, pouco poder de abstração, influência do natural e autoritário. O grupo 2: racional, semântico, nenhum recurso para impulso, fé na construção social e relações sociais, democrático e modelos calcados na possibilidade de mudança sem omitir a tradição. Finalmente o grupo 3: sofisticado, tradicional, preso na religiosidade e tradição, enfatizam mais as representações nos modelos de violência, imposição de autoridade, transformação da agressividade natural do sujeito em violência (ser humano é violento), embora não se achem violentos, atribuem ao outro, foram mais dogmáticos e sem muita reflexão transformadora.

No quesito da discussão, para o grupo 1 e 3, limite tem sinônimo de violência. Para o grupo 2, limite tem sentido de diálogo e violência se apresenta desvinculada do limite. Em relação ao grupo 3, violência é algo que estaria fora de si, a qualidade humana é de ser violento, é responsabilidade da educação e cultura limitar violência. Por fim há conflito entre "violência interna" e "limite externo" no grupo 1 e 3.

A autora arrisca-se em dizer que o núcleo figurativo da RS foi constante: o sujeito não tem o potencial de criar seu próprio limite, a punição tem que ser com dor e os limites vêm através da educação, do externo, ou no genético. Foi percebida uma tensão entre uma tendência para manter o conhecido, reproduzir a tradição e o desejo de mudar, mesmo com o peso do desafio da tradição: "...Antes era na conversa, agora não, vai uma palmada," "...Uma pessoa que nunca bateu nos filhos, é difícil." Os discursos da violência familiar tendem cristalizar as significações como verdades. A violência tem várias "verdades": na forma da aprendizagem; na forma da relação e na forma de modelos. Em outras palavras, esta pesquisa tentou apontar o discurso das Representações Sociais da violência que pode ser visto como, de um lado, determinada, dogmático, que tende para a possível cristalização e reprodução das formas de significação que se apresentam como verdades absolutas e, por outro lado, aberto e democrático, podendo promover a inquietação e desconstrução frente aos símbolos, crenças e valores das representações e produção de outras formas de subjetividade.

Visto em retrospecto, destaca-se, aqui, basicamente, duas linhas de reflexão desenvolvidas nesse trabalho. Uma, o tema das Representações Sociais da violência abordado enquanto uma forma de subjetividade produzida na e pela fala. Outra, a forma particular e grupal de lidar com as significações, dentro das várias formas de produção da subjetividade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALVIM, R. "Olhares sobre juventude", In: Comunicações do ISER. Juventude, Cultura e Cidadania. Ano 21, Edição Especial, 2002.
- BOURDIEU, P. "A juventude é apenas uma palavra", In: Questões de Sociologia, Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Limitada, 1983.
- COSTA, J. F. "Violência e Psicanálise". Rio de Janeiro: Ed Graal, 1986, p.15.
- JOVCHELOVITCH, S. " Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais", In: Textos em Representações Sociais, 5. GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. (Orgs), Petrópolis: Vozes, 1999, p.64, 81.
- LANE, S. T. M.; "Usos e abusos do conceito de Representação Social" In: O Conhecimento no cotidiano, As representações Sociais na perspectiva de Psicologia Social, SPINK, M. J (org) São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MALDONADO, M. T. "Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir. 25.ed.-São Paulo: Saraiva, 2000.
- MATSUMOTO, D. " Understanding Culture", In: Culture and Psychology, Brooks/Cole Publishing Company, 1996.
- MONTEIRO, V. B. "Vítimas da Violência": Por que entram no Programa de Proteção? <http://www.gajop.com.br/agenda.fundo.htm>.
- MONTERO, M. "Indefinicion y Contradicciones de algunos conceptos básicos en la Psicología Social" In: Construccion y Crítica de la Psicología Social, Barcelona: Anthropos, 1994.
- MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. Porto Alegre: Educação, Ano XXII num. 37, Mar 1999.
- MOSCOVICI, R. M. "Social Representation" Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- SLUZKI, C, "Violência Familiar e Violência Política: Implicações Terapêuticas de um modelo geral, In: SCHNITMAN, D. F, Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- WAGNER, W. "Descrição, explicação e método na pesquisa das Representações Sociais". In: Textos em Representações Sociais, GUARESCHI, PJOVCHELOVITCH, S.(orgs) Petrópolis, R.J 1999, p.178.